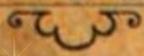


AmM/F.04
Raro

VIVALDO LIMA



BIBLIOTECA PUELICE
MAGNUM - AMAZON

A inscrição da Gavea



AmM/F.04
RARO



1933

OFFICINAS GRAPHICAS DO "JORNAL DO BRASIL"
Avenida Rio Branco, 112 Rio de Janeiro

VIVALDO LIMA



OFFICINAS GRAPHICAS DO "JORNAL DO BRASIL"
Avenida Rio Branco, 112

A inscrição da Gavea



1933

OFFICINAS GRAPHICAS DO "JORNAL DO BRASIL"
Avenida Rio Branco, 112 Rio de Janeiro

A inscripção da Gavea é de origem phenicia?

A CRITICA DE DAVID J. PERES E A TRAN-
DUÇÃO, FEITA POR BERNARDO RAMOS, DA
INSCRIPÇÃO DA PEDRA DA GAVEA.

O *Jornal do Commercio*, de 4 de Setembro do anno passado, publicou um artigo assignado por David J. Peres, com o titulo — “A inscripção da pedra da Gavea e a traducção do Sr. Bernardo Ramos” — e a data: Rio — Junho — 1932, — artigo que não pôde deixar de merecer sérios reparos.

Esse professor foi levado a escrever tal artigo, por ter lido na *Revista da Semana*, de 30 de Abril de 1932, uma noticia sobre a decifração do *mysterio da inscripção da Gavea*, com transcripção de alguns trechos e gravuras da obra “Inscripções e tradições da America pre-historica”, por B. A. da Silva Ramos, a qual está sendo editada pela Imprensa Nacional.

Segundo declara o Prof. David J. Peres, depois da leitura da *Revista*, “a impressão foi contraria á que a emoção da novidade despertára” nelle. “O que acabava de lêr era, forçosamente, uma brincadeira”.

“Immediatamente” rabiscou “um artigo dizendo algo que pudesse despertar no archeologo o amôr proprio, provocando uma resposta ás perguntas que formulava”.

Teve, porém, “outra decepção: Fallando com alguém

que o conhecia pessoalmente”, foi “informado que Bernardo Ramos já não pertencia ao numero dos vivos; e” elle “não teria a desejada resposta”.

Por isso não pensou “mais no artigo, esperando, entretanto, que alguém se apresentasse a responder. Não havendo até agora apparecido escripto algum a respeito, e em attenção á cultura nacional” — pois conhecendo “no Rio e mesmo no interior do nosso paiz, modestos brasileiros que entendem de facto de taes assumptos”, tomou “a resolução de fazer alguns reparos a essa *traducção* que, como orientalismo humoristico, é a melhor pilheria que já appareceu nestes ultimos cincoenta annos, por estas bandas da America Latina”.

Vejamos se o *espontaneo procurador da cultura nacional* tem razão e se tem cabimento as expressões pejorativas e ridicularizantes escriptas contra quem, por ter fallecido, se não poderá, de modo algum, defender.

Até agora innumeraveis inscrições lapidares existentes na Asia, na Africa, na Europa e na America, haviam desafiado a argucia de muitos investigadores, sem que alguém se aventurasse a desvendar o mysterio da estabilidade do pensamento humano que ellas encerravam.

Appareceu no Amazonas um, Bernardo Ramos, que catalogou mais de 2.800, umas colhidas pessoalmente, outras extrahidas de livros e de revistas, procurando fazer uma chave de decifração para que, de futuro, qualquer pessoa possa, com algum esforço, saber o que ellas dizem.

Gastou elle cerca de vinte annos de longos e pacientes estudos, e, para vulgarização dos resultados a que chegou, fez os mais exhaustivos esforços para publicar aquillo que escreveu, com o intuito honesto de abrir um novo caminho ás investigações futuras, em que outros, mais felizes talvez, encontrando o caminho já desbravado, possam chegar a fins mais positivos e incontestaveis.

Bernardo Ramos procurou prestar o seu concurso á epigraphia, adoptando um novo systema de interpretação.

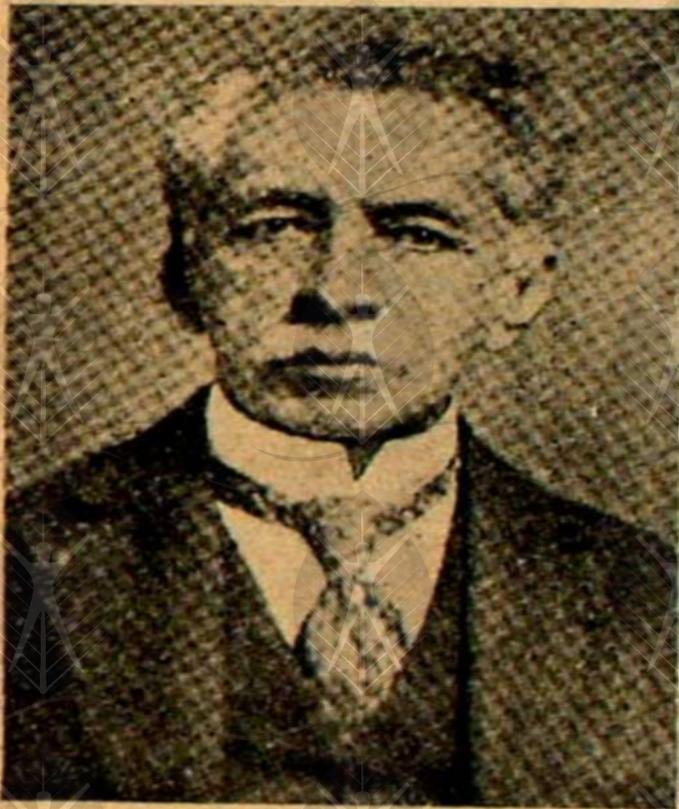
Morreu, porém, sem ter tido a sorte de vêr sua obra publicada, afim de responder á critica dos eruditos e ás aleivosias dos insensatos.

Nem por isso a *cultura nacional* ficou até agora desmerecida, porque a obra ainda não circulou pelas mãos das pessoas competentes que tenham capacidade para corrigir os

enganos ou emendar os erros de interpretação existentes nella.

Uma simples noticia de *Revista* não pôde servir de base a uma critica justa, ponderosa e razoavel; por isso, o Prof. David J. Peres foi precipitado demais em escrever e dar opinião sobre aquillo que elle verdadeiramente não conhece.

Diz ainda no seu artigo: “Tanto quanto se conhece hoje da lingua phenicia, não se permite affirmar que os da Gavea sejam dessa origem”.



O inolvidavel epigraphista e
archeologo brasileiro
BERNARDO RAMOS

“O alfabeto phenicio era em geral representado por traços finos.. Além disso, os da Gavea nada de commum apresentam com os cananeos e em nada se lhes assemelham”.

“E não se digam que são primitivos”.

“E se primitivos fossem, estariam mais approximados das suas fórmãs ideogrammaticas, e assim o *álef* não seria esse coelhinho mais ou menos gorducho e sim, como nas inscrições primitivas, a cabeça de touro; o *beth*, como a palavra está dizendo, seria a figura da casa ou, mais corre-

ctamente. a da tenda de campanha, com o seu aspecto angular de pyramide; o *guimel* seria o camello ou, como mais tarde foi representado, a corcunda de dromedario; o *het* que ahi apparece estaria bem representado pela grade que traduz. Consultem qualquer compendio dessa lingua e ahi encontrarão isso bem esplanado. Daqui se conclue que os taes signaes, não sendo recentes (isto é, do seculo que se lhes attribue), e de fórma nenhuma sendo primitivos, não são phenicios”.

Pelos conhecimentos rudimentares que o Prof. David J. Peres mostra ter da escripta phenicia, e mais especialmente de epigraphia, sua opinião sobre a origem dos caracteres da Gavea não pôde ser acceita como a ultima palavra sobre o assumpto.

Acha elle que os traços das letras phenicias levem ser sempre finos, quer sejam feitos em taças, em sarcophagos ou em outros monumentos funerarios para serem vistos de perto, quer sejam de grandes dimensões, esculpidos na rocha, para serem vistos a centenas de metros de distancia, como os dos caracteres da Gavea.

Em primeiro lugar, isso é desconhecer o que seja perspectiva, porque nenhum artista talha na rocha caracteres finos para serem lidos de longe. E em segundo lugar, é desconhecer tambem a acção corrosiva das aguas de chuva sobre a superficie de certas rochas, ora fazendo desapparecer uns traços, ora aprofundando ou alargando outros, conforme a intensidade das acções mechanicas ou das reacções chemicas, ou conforme ainda a uniformidade ou variabilidade na justaposição dos conglomerados crystallinos das estratificações.

Segundo o relatorio publicado no tomo primeiro da *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil*, subscripto por Manoel de Araujo Porto Alegre, J. da C. Barbosa e José Rodrigues Monteiro, “a inscripção se acha collocada de uma maneira vantajosa a estas conjecturas: voltada para o mar, em uma face da rocha cubica, pouco escabrosa, com caracteres colossaes de 7 a 8 palmos. ao rumo L. S. E., pôde ser vista a olho nú de todas as pessoas que por alli passarem; e notavel é que os habitantes daquelles logares todos conhecem as letras da pedra. A inscripção assim collocada está exposta á furia das tempestades e dos ventos do meio-dia, e por consequencia, deve estar safada, tanto mais que o granito da pedra, em que está gravada, é de uma consistencia menos forte, por conter muito talco e raica. e na sua base existem tres concavidades esboroadas que formam o aspecto do mascarrão”.

“O lugar onde está a inscripção pôde ser que em tempos remotos fosse mais aterrado, e que com os seculos tenha sido excalvado pelas continuas humidades, chuvas, e ventos do sul”.

Diz o Prof. David J. Peres que os caracteres da Gavea não são primitivos porque, se primitivos fossem, estariam mais approximados de suas fórmulas ideogrammaticas e o *álef* seria como nas inscripções primitivas uma cabeça de touro; o *beth*, uma casa ou tenda de campanha com o seu aspecto angular de pyramide; o *guimel* seria um camello ou a coreunda de um dromedario, o *het*, uma grade, etc., etc.

Ora, em que compendio o Prof. David J. Peres encontrou esta novidade de caracteres phenicios hieroglyphicos ou figurativos ?



A pedra da Gavea onde se encontra a inscripção
(Revista da Semana)

“Os phenicios não copiaram servilmente os signaes graphics egypcios, mas apenas adoptaram a idéa fundamental de escrever os sons e não os symbolos”. (F. V. Lorenz).

Ainda menos os hebreus. Nem o alphabeto archaico da inscripção de Siloé, nem o das pedras e moedas hebraicas, nem o proprio alphabeto quadrado actual, lembram de longe o symbolismo dos hieroglyphos egypcios.

Os nomes que as letras têm no hebraico “differem bastante dos nomes egypcios e dos animaes e objectos que representavam; assim, por exemplo, a letra A, que hieroglyphicamente é representada por uma *aguia* (akhom), em hebraico se chama *aleph*, o que significa *touro*; o B, repre-

sentado hieroglyphicamente por um pé, chama-se, em hebraico, *beth*, e significa *casa* ou *tenda*; o D, que hieroglyphicamente é representado por u'a mão, chama-se em hebraico *daleth*, isto é, *porta*", etc. — (F. V. Lorenz).

Pelas letras significarem os objectos, não quer dizer que ellas os representem figurativamente no hebraico e muito menos no grego.

"Tinha-se dado a cada letra phenicia um nome que passou ao grego, transformando-se um pouco; assim, *aleph* ('), *bet* (b), *guimel* (g), *dalet* (d) tornaram-se *alpha* (a), *beta* (b), *gamma* (g), *delta* (d), etc. O unico facto destes nomes passarem para o grego prova sua origem muito antiga, visto que os gregos os receberam dos phenicios ao mesmo tempo que as letras.

Tinha-se ensaiado explicar a fôrma das letras pelos nomes que ellas exprimem; a tentativa mallogra-se quasi sempre. *Aleph* significa boi; a letra do mesmo nome seria uma cabeça de boi; *bet* significa *casa*; o *bet* seria derivado da fôrma de uma casa; *guimel* significa camello, o *guimel* seria derivado da fôrma de um camello

Basta olhar o alphabeto de Ahiram para vêr que elle se afasta ainda mais dessas definições que o alphabeto de Mésa, sobre muitos pontos. E' bem evidente que, como o explica Dussaud, nem o primeiro elemento de seu nome era constituido pela letra que se queria representar, nem o nome tenha mais ou menos representado a silhueta da letra.

Em presença dos resultados antes negativos destas comparações, parece que os phenicios tiveram mais parte na formação do alphabeto quanto se não acreditava até aqui". — (G. Contenau).

"E' preciso dar aos phenicios o que, decididamente, lhes pertence. Elles foram os autores de uma das maiores invensões da humanidade, desde o dia em que romperam deliberadamente com as escriptas tão complicadas que estavam em uso, em que separaram vinte e dois sons simples permittindo notar as diversas articulações consonanticas de sua lingua e em que criaram um só systema de signaes de uma notavel simplicidade, no qual cada letra se distingue á primeira vista de todas as outras. Do primeiro momento, attingiram a perfeição: as deformações que o tempo fez soffrer ao seu systema não o tem melhorado.

O character artificial e original do alphabeto phenicio foi reconhecido por J. Halévy para certas letras que elles estimavam derivar umas das outras. O texto de Ahiram reforça consideravelmente esta conjectura. Não sómente po-

demos tel-a por demonstrada, como podemos extendel-a a todo o alphabeto". — (Dussaud).

Pelas citações que acabo de fazer, fica demonstrado que nenhum epigraphista poderá vêr nos caracteres da inscripção da Gavea, *algum coelhinho mais ou menos gorducho*, como o Prof. David J. Peres viu por uma illusão de optica, e tão pouco verá alguma *cabeça de touro, casa ou tenda, camello ou corcunda de dromedario, grade, etc.*; que não existem em compendio algum que trate de escripta phenicia, representando caracteres phenicios.

Os raros orientalistas que ainda hoje admittem a origem directamente egypcia dos caracteres phenicios, adoptam as conclusões dos sabios egyptologos Emmanuel de Rougé e Francisco Lénormant, de que "os phenicios tomaram seus signaes alphabeticos primitivos, não da escripta hierogly-



A inscripção da pedra da Gavea.
(Bernardo Ramos)

phica primitiva, porém, da hieratica, facto muito conforme com a maior facilidade de traçado que offereciam os signaes hieraticos reduzidos a seus traços essenciaes e elementares, e, condição principal de uma escripta commoda, é ser cursiva e expedita".

A hypothese de Champollion, de que as letras phenicias se tinham originado dos hieroglyphos egypcios, e a de E. de Rougé e Francisco Lénormant, de que os phenicios tomaram seus signaes alphabeticos primitivos da escripta hieratica, são hoje hypotheses obsolêtas. Ha tambem uma hypothese da origem cananéa, uma outra que sustenta a origem sinaítica, isto é, de um alphabeto intermediario entre o egypcio e o phenicio, e ainda outra que sustenta a origem cuneiforme.

A tendencia moderna, porém, é admittir, para o phenicio, ou a origem puramente cretense, fundamentalmente egéa, ou um eceletismo do cretense e do egypcio, por precisarem ainda as inscripções cretenses de um Champollion para totalmente as decifrar.



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**